

5º *A relação entre Teologia e Espiritualidade Cristã*, escrito pelo Pe. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. O autor articula a Teologia como o saber crítico da fé com a Espiritualidade como um modo de viver segundo o Espírito de Deus. Amparado por fontes bíblicas, históricas e antropológicas, o autor trata do tema num pano-de-fundo pós-moderno, levando o leitor a tomar consciência da importância, para os nossos dias, de uma espiritualidade encarnada e profundamente realista.

6º *Teologia dos Ministérios e a formação de agentes*. Esse artigo surgiu como resultado de um seminário realizado por um grupo de alunos do programa de Teologia Pastoral sob o tema dos Ministérios. Nele, o leitor entrará em contacto com o pensamento eclesiológico latino-americano, especialmente quanto aos modelos de Igreja e a ministerialidade correspondente. Encontrará, também, os elementos da Escritura e da Tradição quanto ao Sacramento da Ordem, portanto do ministério ordenado e, ainda, a história e as perspectivas atuais para a ministerialidade do leigo.

7º *Nós nos recordamos: uma reflexão sobre a Shoah*. Por ocasião do lançamento desse importante documento pela Comissão Pontifícia para as Relações Religiosas com o Judaísmo, o Pe. Fernando Altemeyer Junior, membro do Vicariato da Comunicação da Arquidiocese de São Paulo, faz uma análise crítica, objetivando incutir em nossas consciências e em nossos corações o fato gravíssimo da Shoah. O autor conclama, ao mesmo tempo, a um empenho sério para que a Shoah jamais seja reeditada no mundo: *Shoah. nunca mais!*

A Revista fecha esta edição, apresentando uma recensão das Dissertações de Mestrado e Teses de Láurea defendidas, recentemente, na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

Agradecemos aos leitores e leitoras a atenção e interesse pela *Revista de Cultura Teológica* e solicitamos o especial favor de ajudar-nos a divulgar esse valioso instrumento de estudo e de pastoral.

*Conselho Editorial*

## O ESPÍRITO SANTO NA TEOLOGIA SISTEMÁTICA

*Ir. Maria Freire da Silva*

### INTRODUÇÃO

Quando nos debruçamos sobre o contexto histórico, afirmamos que “segundo a mensagem cristã, só se pode entender a fé como um estar pleno do Espírito Santo. E não se pode afirmar comunhão com Deus a não ser como participação na relação de Jesus para com Deus, que é o Espírito Santo”<sup>1</sup>.

Para compreender a fé cristã como um estar pleno do Espírito Santo, faz-se necessário interrogar, num primeiro momento, pela realidade do Espírito Santo em Deus, onde Ele é amor entre o Pai e o Filho e, num segundo momento, qual é o seu significado para a encarnação do Verbo na história, na comunidade dos crentes e na redenção e consumação do mundo.

### 1. CREDO NICENO- CONSTANTINOPOLITANO - A DIFERENÇA ENTRE ORIENTE E OCIDENTE

O Concílio de Nicéia, 325, havia declarado Jesus Cristo Filho Consubstancial ao Pai. Um só Deus com Ele;

contra o arianismo que subordinava o Filho ao Pai. Porém, o conflito sobre o arianismo se desdobra e avança dominando amplamente o panorama político e a história eclesiástica e doutrínaria até o Concílio Constantino-politano do ano 381. Evidentemente, a época seguinte à Nicéia pode ser visualizada como a história da recepção do Concílio, processo mediante o qual as Igrejas repensam o conteúdo do seu símbolo de fé, reconhecendo-o como tradição, isto é, como expressão dogmática vinculativa e, de certo modo definitiva, e não simplesmente uma condenação do arianismo.

Indubitavelmente, é notório que Nicéia não havia despertado grande eco teológico e, ademais, havia demonstrado escassa capacidade de adaptação aos círculos intelectuais. Porém, surgiam três personalidades geniais na Ásia Menor, os chamados Padres da Capadócia: Gregório de Nissa, Gregório Nazianzeno e Basílio de Cesaréia. Os teólogos neonicenos que conseguiram ampliar e aprofundar os fundamentos da fé, levando a unificação no Concílio Constantino-politano

<sup>1</sup> Cf. *Dicionários de Conceitos Fundamentais de Teologia*, São Paulo: Paulus, p.248.

- 381. O contexto deixava claro que a fé no Espírito mudava a concepção de Igreja.

O Concílio de Constantinopla, em 381, fora convocado para restaurar, sobre a fé definida em Nicéia. O Projeto de um Concílio Ecumênico visava restabelecer a unidade religiosa entre os dois impérios e ordenar a disciplina eclesiástica<sup>2</sup>.

O arianismo que, anterior a Nicéia, havia se limitado ao conceito do Filho, posteriormente vai ampliando suas idéias, também a respeito da divindade do Espírito: argumentando que o Espírito não é Deus, mas uma criatura, o "servo do Pai e do Filho". Para Macedônio de Constantinopla, o Espírito Santo não tinha a dignidade divina do Filho, sendo um ministro, um intérprete, uma espécie de anjo.

Os seguidores de Macedônio, Bispo de Constantinopla (+362) ficaram conhecidos como Macedônios ou pneumatômacos ou ainda adversários do Espírito (nascido do semiarianismo-séc. IV). Contra a doutrina errônea dos denominados pneumatômacos, o Concílio de Constantinopla (381) proclamou em sua confissão de fé que a terceira Pessoa da Trindade é reconhecida como "Senhor", "Doador de Vida", "Procedente do Pai", "Adorado e Glorificado junto com o Pai e o

Filho". São os defensores da divindade - consubstancialidade do Espírito: Santo Atanásio, Gregório Nazianzeno, Gregório de Nissa, São Basílio, Didimo de Alexandria.

Revestido da Teologia Trinitária de Santo Agostinho, o Ocidente explicou que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho (chamado *Filioque*) formulação que também foi inserida na mencionada confissão de fé em vários lugares. O Papa Leão III, em 809, recusou tornar o acréscimo obrigatório a toda a Igreja, argumentando que representava uma intervenção no Texto da Tradição. Henrique II, com a licença do Papa Bento III cantou o credo com o *Filioque* em sua coroação em 1014. Mais tarde, o II Concílio de Lião (1272) e o Concílio de Florença (1439) aprovaram o acréscimo. Desde o século IX até nossos dias, o acréscimo formalmente problemático do *Filioque*, é o ponto fundamental da polêmica entre Gregos e Latinos.

No Ocidente, ao defender que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, a Igreja latina enfatizou a natureza divina, pondo em relevo a comunhão consubstancial entre o Pai e o Filho.

A tradição Oriental, por sua vez, põe em relevo o caráter de origem primeira do Pai em relação ao Espírito. Para a Igreja grega, o Espírito

procede do Pai pelo Filho. Eles reservam o termo proceder para a saída de um só princípio fontal. A teologia Grega enfatiza as *hipóstasis-pessoas*. Por isso, acusam a Igreja Ocidental de erro na fé, dizendo que afirma o Pai e o Filho como duas origens do Espírito Santo.

No sentido de uma origem pura e simples, o Espírito Santo procede, por isso, somente do Pai e ao Pai deve inclusive o seu proceder do Filho; é este o sentido ortodoxo da formulação grega<sup>3</sup>.

Para o Oriente, o *Filioque* rompe com todo o equilíbrio Trinitário, diminui a igualdade perfeita das três Pessoas da Trindade. Ele toca na monarquia absoluta do Pai ao deslocar o princípio da unidade Trinitária da Hipóstasis do Pai em relação à natureza. Em 1981, festa dos 1500 anos do Concílio Constantinopolitano I, na festa de Pentecostes, o Papa João Paulo II ordenou que fosse cantado o credo sem o acréscimo, na Basílica de São Pedro, em Roma.

## 2. A MISSÃO DE JESUS E A MISSÃO DO ESPÍRITO UMA AÇÃO CONJUNTA

Indubitavelmente, a obra de Deus é operada através de duas missões: a missão do Filho e a do Espírito.

Jesus Cristo é o Missionário do Pai: o enviado por Deus para cumprir, livre e gratuitamente, o desígnio do Pai, respondendo à busca humana do infinito e dando o sentido último da História. Jesus é missionário do Pai na força do Espírito Santo. Jesus anunciou o Evangelho do Amor. Morreu e ressuscitou para introduzir as pessoas, povos e culturas na vida nova da solidariedade, partilha e justiça a partir dos pobres.

Esse é o Reino de Deus, a grande paixão de Jesus, o sentido de sua Missão na terra: "Eu vim para que todos tenham Vida, e a tenham em abundância" (Cf Jo10,1-18). O Reino é dinâmico como fermento que a tudo deve levedar (Lc13,2), pois revela o poder do Senhor: presença e ação constante na história<sup>4</sup>.

Em todo o NT, manifesta-se o processo de revelação do mistério Trinitário no decorrer da caminhada de Jesus e da irrupção do Espírito nas comunidades primitivas. Jesus, em sua Missão, revela o Pai na sua capacidade misericordiosa, como o Pai do Filho pródigo, do pecador, do fraco. Jesus é capaz de exultar de alegria diante da Ação Libertadora de Deus na História dos simples, revelando assim sua unicidade com o Pai e a comunhão existente entre Ele, o Pai e

<sup>2</sup> MASSERDOTTI, F. A. Missão: A Serviço do Reino, São Paulo: Paulus, 1996, p. 12-13

<sup>3</sup> BOFF, L. A Trindade e a Sociedade, Petrópolis: Vozes, 1987, p.201.

<sup>4</sup> Cf. FORTE, B. Jesus de Nazaré: História de Deus Deus da História, São Paulo: Paulinas, 1985, p. 314-350.

o Espírito. É o Espírito Santo que assim se manifesta por Jesus e que unido a Ele, também age na história<sup>5</sup>.

No Evangelho (Lc 4, 18-10), o próprio Jesus se revela impulsionado, ungido pelo Espírito para assumir a Missão. O mesmo Espírito que esteve presente no ato encarnatório de Deus na história e se fez presente no Batismo de Jesus é o mesmo que o conduz à Missão ao longo de sua trajetória terrena.

À luz do evento pascal, a comunidade relê toda a história do Nazareno, reconhecendo nela os sinais de uma contínua presença do Espírito, que faz dela, verdadeiramente, o espaço da ação de Deus... O Paráclito é, sobretudo, aquele que atualiza no tempo a missão de Cristo. A comunidade, à luz da Ressurreição, vê em Jesus aquele que revela o Espírito de maneira única em todos os momentos de sua vida:

- a) Encarnação
- b) Batismo
- c) A Missão - como Ação do Espírito
- d) A Cruz
- e) A Ressurreição

Portanto, a comunidade das origens viu no Espírito o princípio e a força da contemporaneidade de Cris-

to: Aquele que recebeu o Espírito em plenitude está para sempre vivo no Espírito (Pd 3,18), e derrama seu Espírito sobre toda a carne (Cf. Rm 8,9; Fl 1,19). O Espírito molda o homem ao destino, a missão de Jesus Cristo.

O Espírito nos faz participar da condição filial do Nazareno: Nele, ousamos chamar Deus de "Abba" (Rm 8,15; Gl 4,6). Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. O Espírito habita no crente e age na Igreja, fazendo dela o corpo Místico de Cristo. No Espírito de Cristo torna-se possível a relação com o Pai. Sem o Espírito, a Missão de Jesus não se prolongaria na história. Pelo Espírito, a fé é a experiência do vivente capaz de mudar a vida humana no seu presente concreto.

O Espírito dinamizará o crente para a fidelidade da promessa e, assim, para o futuro de Deus. O Espírito torna Jesus presente como Verdade. Luz e profeta escatológico no tempo. Atualiza a Verdade que é Cristo, nos "sinais dos tempos"<sup>6</sup>.

Portanto, o Espírito enviado aos discípulos por Jesus tem a dimensão do seu próprio retorno e de sua presença na comunidade. O Espírito tes-

temunha a verdade cristã consolando, defendendo e animando a comunidade, garantindo a fidelidade e o testemunho. O Espírito conduz a comunidade à verdade plena. É o Agente principal da Nova Evangelização.

O Filho e o Espírito, realizam frutos em comum com o desígnio do pai que os envia, tornando manifesta a sua verdade una, porém não o fazem da mesma forma. Cada um, em sua distinção, imprime a própria missão à sua marca hipostática. Segundo o apóstolo Paulo, a missão de Jesus é de forma objetiva e contém um valor universal, ou seja, realizar uma vez por todas a redenção do mundo (Cf. Gl 4,4-5; 3-8). Quanto ao Espírito Santo, sua missão é mais interior e de cunho escatológico (Cf. Ef 1,14). O Espírito é, por excelência, Dom escatológico de Deus. O Pentecostes engaja o Cristo no futuro. Para Santo Tomás de Aquino, Cristo e o Espírito formam juntos um só princípio de graça. Comunicando ao mundo o futuro de Cristo, o Espírito glorifica o Filho o qual, por sua vez, glorifica o Pai.

O Espírito Santo e o Filho realizam conjuntamente (as duas mãos do Pai - Santo Irineu) na criação e na história o Plano Salvífico de Deus<sup>7</sup>.

### 3. O ESPÍRITO SANTO NA IGREJA

Quando nos debruçamos sobre a Revelação bíblica, percebemos que toda a vida de Jesus é permeada pela presença transformadora e sempre nova do Espírito. Portanto, é impossível falar de Cristologia sem Pneumatologia e sem Eclesiologia.

A Igreja é, ao mesmo tempo, fundada sobre a Eucaristia e sobre o Pentecostes. Há, nas duas economias do Filho e do Espírito, a reciprocidade e o serviço mútuo. Contudo, o Pentecostes não é uma simples consequência nem uma continuação do ato encarnatório de Deus. Ele é o segundo ato de Deus-Pai. O Pentecostes se apresenta como fim último da economia Trinitária e antecipação do Reino. Ele, o Espírito Santo, é o Dicionário através do qual buscamos compreender a Palavra, na Igreja e como Igreja. Ele nos integra ao corpo, nos faz co-herdeiros de Cristo, faz-nos filhos no Filho e, no Filho, faz-nos encontrar o Pai. O Espírito é co-amante com o Pai e co-amado com o Filho. Na vida eclesial, o Espírito nos faz participantes da circulação do Amor Trinitário.

Iluminada pelo Sol de Pentecostes, a Igreja é constituída a imagem do Filho de Deus, animada pelo Espí-

<sup>5</sup> NOGUEIRA, S. E. L. *O Espírito e o Verbo: As duas Mãos do Pai*, São Paulo: Paulinas, 1995, p. 44-73.

<sup>6</sup> EUDOKIMOU, P. *O Espírito Santo na Tradição Ortodoxa*, São Paulo: Ave Maria, 1996, p. 87-93.

<sup>7</sup> NOGUEIRA, S. E. L. *Op. cit.*, p.152-153.

rito, sustentada como povo de Deus, corpo uno do Cristo Glorioso, templo vivo de sua graça<sup>8</sup>.

Santo Irineu descreve a dialética existente entre o Espírito e a Igreja. Para Ele, "Onde está o Espírito lá está a Igreja". Se o Espírito é testemunha da verdade de Cristo, a Igreja é receptáculo desta Verdade através do caminho de fé. Santo Hipólito afirma que a Igreja é o espaço onde floresce o Espírito. De acordo com a afirmação de Congar, o Espírito é a fonte de Vitalidade da Igreja. A Tradição Eclesial, desde Agostinho, afirma que o Espírito Santo é a alma da Igreja, princípio de toda a sua animação<sup>9</sup>.

O princípio transcendente da unidade da Igreja tem sua raiz no Espírito. Segundo Santo Tomás de Aquino, "o acabamento último do corpo místico" advém do Espírito. O Espírito une a Igreja com o mesmo elo de unidade com que une, na profundidade do mistério, as Pessoas do Pai e do Filho. Isto está em comunhão com a expressão de São Cipriano, retomada pelo Vaticano II (Cf. LG n.º 4). A Igreja constitui um povo cuja unidade é tirada da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo<sup>10</sup>. A unidade do Espírito não pode ser confundida com

a uniformidade. Ele une os membros eclesiais na diversidade dos carismas. Orienta a Igreja a viver a unidade na Comunhão e na Santidade como antecipação do mundo futuro. Ele antecipa o futuro de Deus para o nosso presente, testemunhando através da Apostolicidade da Igreja a Ressurreição, prolongando a Missão de Jesus Cristo na História.

O Espírito orienta a Igreja a escutar, a compreender e praticar a Palavra, levando-a à prática da caridade<sup>11</sup>. Ele guia a Igreja para a verdade completa.

A unidade eclesial é constituída sobre três eixos principais: a) a fé; b) o culto; c) a organização, visando "a coesão interna da caridade e da missão.

Não são três partes da Igreja, mas a única e mesma Igreja que se desdobra nestes três momentos concretos de sua realização histórica<sup>12</sup>.

#### 4. O ESPÍRITO SANTO NA HISTÓRIA - LACUNAS

Quando nos situamos no contexto histórico, percebemos que a Teologia pouco estudou a história como espaço da Ação do Espírito Santo. A

Teologia permitiu que prevalecesse a idéia da filosofia grega "de que a história não era objeto de ciência pois não tinha racionalidade alguma"<sup>13</sup>.

Os escolásticos também não se preocuparam em entender a história, seu valor para a Pneumatologia. Porém, apesar dessa lacuna na Teologia ao longo dos séculos, os cristãos impulsionados pelo sopro do Ruah de Deus, sempre buscaram ler os sinais da História, quais os rumores, os gemidos do Espírito e para onde o mesmo queria conduzir a Igreja e o mundo<sup>14</sup>.

Os cristãos, iluminados pelo Paráclito de Deus, puderam captar através da mensagem bíblica a historicidade de Deus na vida dos pobres e a Revelação de Javé na História, um apelo para a Igreja.

Não há uma lei para a Igreja e outra para a História. O problema do Espírito que age por meio dos Pobres foi colocado desde o século XII através de vários movimentos, entre os quais o mais importante foi o dos Valdenses, condenado como herético por negar a estrutura institucional da Igreja. Fundamentalmente, o que havia era uma rejeição do movimento, como sendo virtualmente revolucionário.

Na Idade Média, o 1º movimento de pobreza espiritual invoca a presença do Espírito, atribuindo-lhe a vocação dos pobres. Movimentos políticos populares estavam estritamente ligados.

A organização dos pobres, sendo vista como orientada pelo Espírito, desafia a estrutura social.

#### *Movimentos que desafiaram o Império:*

A Ordem dos Franciscanos. Figura de São Francisco - Pobre por excelência, homem espiritual. Surge outro tipo de homem como modelo de sociedade humana.

Porém, diante dos acontecimentos históricos do surgimento de uma concepção do poder político do povo, a Teologia tinha esquecido tanto a história quanto o Espírito Santo. Não houve ligação entre as revoluções democráticas e advento do Espírito na história mediante os pobres. O Espírito age na História pela mediação dos pobres. Quando os pobres agem na história, aí está o Espírito de Deus atuando<sup>15</sup>.

No Oriente temos a Teologia Bizantina; a Teologia Oriental influenciada pela Teologia Imperial, desenvolveu uma visão do mundo transfi-

<sup>8</sup> Ibidem, p. 154-155.

<sup>9</sup> COMBLIN, J. *O Espírito Santo e a Libertação*, Petrópolis: Vozes, 1987, p.137.

<sup>10</sup> BOFF, L. *Op. cit.*, p.137.

<sup>11</sup> COMBLIN, J. *Op. Cit.* p.73.

<sup>12</sup> Ibidem p.73.

<sup>13</sup> Ibidem p. 74-77.

<sup>14</sup> Ibidem p. 79-80.

<sup>15</sup> CONGAR, Y. *El Spiritu Santo*, Barcelona: Herder, 1991, p.644.

gurado e glorificado pelo Espírito. A fé na Ressurreição e a Primazia do Espírito levaram a uma concepção da Redenção já acabada. Disso resulta pouca inclinação para uma ação social política dos cristãos.

No Ocidente temos a Teologia Imperial do Império Romano - Germânico. Esta teve seus Teólogos. Porém, não foi a que prevaleceu. Pelo contrário, prevaleceu a percepção da não presença do Espírito<sup>16</sup>. Santo Irineu compara o Espírito a um Diretor de Teatro: Dirige o drama da Salvação no cenário histórico.

### DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

A Doutrina Social da Igreja se apresenta carente de um embasamento no Espírito Santo. Para entendermos a idéia da práxis cristã, estendida a todas as dimensões da vida humana, é preciso captar o sopro do Espírito em nós. Ele promove as mudanças, revoluciona a realidade.

### A ESCATOLOGIA

Outro aspecto que precisa ser estudado na Teologia é a dimensão do Espírito e a Escatologia.

O Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia ao tratar sobre Escatologia não menciona o Espírito.

Como é possível, se é o Espírito Santo o Dom Escatológico por excelência?

### MARIOLOGIA

A Mariologia também se apresenta despida de uma Pneumatologia. Faz-se necessário um estudo da Mariologia com a Pneumatologia - um Casamento. O ato encarnatório de Deus na História se realiza mediante a Ação do Espírito Santo sobre a pessoa de Maria. Portanto, o discurso Mariológico exige todo um embasamento Pneumatológico.

Indubitavelmente, o Espírito princípio e criador de diferenças e de comunhão, procedente do Pai e do Filho e adorado e glorificado juntamente com o Filho, nos orienta na Igreja e como Igreja, no coração da História, a prolongarmos a Missão de Jesus Rumo ao Novo Milênio. Para isso, é necessário uma consciência e uma produção Teológica que englobe de forma pericoretizada: Ecclesiologia, Pneumatologia e Cristologia, incluindo a dimensão Trinitária. Com relação à fé Trinitária, podemos afirmar que é a mesma tanto no Oriente quanto no Ocidente, conforme nos afirma Ives Congar.

Portanto, é necessário compreendermos que a inserção do *Filioque* não ocorreu todavia em detrimento da

ortodoxia, e sim numa tentativa de explicitar, embora parcialmente, o silêncio do texto com o que diz respeito à relação entre o Filho e o Espírito. O Filioque jamais pretende negar a monarquia do Pai, assim como os gregos longe estão de pretender uma negação de uma relação peculiar entre o Espírito e o Filho. Contudo, esta polémica nos adverte e nos convoca para

um aprofundamento da Cristologia e a Pneumatologia numa perspectiva Trinitária.

Ir. Maria Freire da Silva, ICM, é Mestra em Teologia Dogmática e professora de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

<sup>16</sup> FORTE, B. *A Trindade como História*, São Paulo: Paulinas, 1987, p. 129.